

AS TRAGÉDIAS DE SÊNECA E SEU ASPECTO EDUCATIVO

Marcelo Augusto Pirateli*

RESUMO: O presente trabalho tem como preocupação fazer algumas considerações sobre o caráter educativo da poesia trágica de Lúcio Aneu Sêneca, cujo objetivo é a formação do homem ideal, o sábio, aquele que seria capaz de manter o domínio e a racionalização dos sentimentos, dos impulsos e das paixões. Pode-se dizer que suas tragédias são metáforas que ajudam a refletir sobre as atitudes das personagens, a respeito de seus modos de ação e das calamidades que ocorrem quando as paixões triunfam sobre a razão. Para Sêneca, os vícios e, principalmente, as paixões são os principais fatores de desequilíbrio da ordem, impedindo o homem de viver em conformidade com a natureza, o que acaba provocando desastrosas conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: Sêneca; Tragédias; Educação; Paixões; Homem Ideal; O Sábio.

SENECA'S TRAGEDIES AND ITS EDUCATIONAL ASPECT

ABSTRACT: The present work is concerned with carrying out some considerations on the educational character of the tragic poetry by Lucius Aneu Seneca, whose objective was the development of the ideal man, the wise man, the one that would be capable of keeping control and rationalizing over feelings, impulses and passions. It is possible to say that his tragedies are metaphors that help to reflect on the attitudes of the characters, concerning the form of their actions and the calamities that take place when passions triumph over reason. For Seneca, the vices and, especially, the passions are the main factors for unbalancing the order, preventing man from living according to nature, which ends up by in disastrous consequences.

* Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: marcelopirateli@bol.com.br.

KEYWORDS: Seneca; Tragedies; Education; Passions; Ideal Man; The Wise Man.

INTRODUÇÃO

As conquistas militares de Alexandre Magno (356-323 a.C.) provocaram profundas transformações de ordem política, social, cultural e econômica na Antiguidade, assinalando o fim de uma era e o início de outra, isto é, a passagem da época clássica para a helenística (FRAILE, 1965), que teve como principal característica a fusão cultural do Ocidente com o Oriente. Nesse novo cenário, destacam-se o desmoronamento sociopolítico da *polis* e o rompimento com a filosofia especulativa, característica fundamental da cultura grega.

Esse quadro de dissolução da *polis* impediu o homem livre de atuar na vida pública, e nesse momento ele deixa a condição de animal político, que participa dos destinos da cidade, e volta-se para si mesmo, num processo intimista. Deste modo, ocorre a substituição da vida pública pela privada. Das preocupações coletivas o homem livre se dirige para as preocupações individuais.

Nesse contexto, destaque especial merece o estoicismo, fundado por Zenão (336-263 a.C.), que propunha a austeridade física e moral, baseada na resistência ante o sofrimento, ao mesmo tempo em que defendia que a felicidade somente seria obtida com uma vida virtuosa. Para os estóicos, cabia ao homem viver de acordo com a natureza, isto é, viver segundo a razão. Por este caminho chegava-se à virtude, ao bem maior, à felicidade suprema.

Em contato com a cultura grega, os romanos entraram na órbita do helenismo e, sobre aquela complexidade de saberes, redescreveram os seus saberes de modo a atender à praticidade própria da sua cultura.

Nesse período, marcado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas, destaque especial merece Lúcio Aneu Sêneca (1 a.C.-65 d.C.), uma das figuras mais importantes do mundo intelectual romano do século I. Além das relevantes atividades políticas, desempenhou uma significativa produção filosófica e literária: “*fue un gran escritor, por su abundante producción de ensayos [...] y también por sus tragedias que hacían de él, a ojos de sus contemporáneos, el rival romano de la tragedia griega*” (VEYNE, 1996, p. 11).

Sêneca escreveu as suas peças num estilo elaborado, revestindo-as de “um tom eloqüente, oratório e empolado” (CARDOSO, 1997, p. 14). Não

eram textos para as grandes massas, tendo como público pessoas bem-situadas na sociedade romana e acostumadas ao luxo e à vida palaciana, ou seja, pessoas que participavam de um lazer intelectualizado, que freqüentavam sessões de recitações e círculos literários (CARDOSO, 2005a). Suas tragédias se destacam pela linguagem requintada e por seu estilo.

A arte do discurso dramático senequiano impõe-se pela sublimidade e grandeza de estilo, pela mestria das frases sentenciosas e pela facilidade em manusear o léxico latino com uma fina *technê* retórica, adequada à função emotiva, à plena realização do *pathos*, que apela às paixões do público, com fins de persuasão (SOARES, 2004, p. 94).

Suas tragédias, além de claras inspirações morais, trazem ricas reflexões psicológicas e especialmente sobre as paixões, apresentando ao público os dramas e as angústias da alma das personagens. Do clima dessas paixões heróicas é que Sêneca extrai as meditações sobre a condição do espírito humano (LEONI, 1957).

O literato romano utilizou os mitos de forma alegórica. Desse modo, quando condenava em suas fábulas um herói ou uma heroína que se deixava dominar pelas paixões, Sêneca condenava simbolicamente e de maneira velada os comportamentos que caracterizavam as pessoas de seu tempo (CARDOSO, 1997).

Sem a pretensão de tratar a temática com a profundidade de que é merecedora, pretendo apresentar, nos limites deste texto, algumas considerações sobre o caráter educativo da poesia trágica de Lúcio Aneu Sêneca, a qual tinha em vista a formação do homem ideal, o sábio, aquele que seria capaz de manter o domínio e a racionalização dos sentimentos, dos impulsos e das paixões.

Em *A função didática das tragédias de Sêneca*, Cardoso (2005b) afirma que o teatrólogo romano, sendo um profundo conhecedor da filosofia estoica, divulgou as suas concepções filosóficas e formativas não apenas em seus tratados e cartas, mas também por meio da literatura, na forma poética de suas tragédias. Nessas peças, os próprios mitos favorecem a exploração do estoicismo, ao servirem de exemplo para a verificação de como a paixão fora de controle, sobrepondo-se à razão, determina a eclosão do evento trágico.

Nesse sentido, Sêneca vale-se da poesia dramática para transmitir ao público as suas idéias e concepções, realizando assim, numa postura

pedagógica, uma educação pela arte. Demonstra como aqueles que se deixam dominar pelas paixões irracionais terminam invariavelmente se distanciando da atitude do homem ideal, o sábio, aquele que seria capaz de manter a racionalização dos sentimentos, dos impulsos e das paixões.

Em *Medéia*¹, por exemplo, Sêneca (1985) mostra que a pessoa dominada pelas paixões acaba por tornar-se enferma. Isso fica explícito no comportamento de Medéia, assim descrito por sua ama:

Assim como uma mênade tomada pelo delírio divino, quando o deus, que a possui, já lhe tirou a razão, erra doidamente no cume do nervoso Pindo ou nos montes de Nisa, assim ela corre com passo louco, levando no rosto todos os sinais da furiosa demência. Suas faces são inflamadas; sua respiração é ofegante. Grita; [...] não há nenhuma paixão que ela não experimente. [...] Onde irá cair o peso de seu ódio; onde irão parar suas ameaças; onde se quebrantará esta agitação? Seu furor transborda. Não é um crime comum nem medíocre o que ela está meditando: ela vai superar a si mesma, pois eu conheço os sinais de suas precedentes cóleras. Alguma coisa de grandioso se está preparando: alguma coisa atroz, inumana, ímpia. Vejo o indício do furor (SÊNeca, 1985, p.231).

A protagonista, deixando-se mover por uma paixão desmedida, não consegue controlar a sua fúria e desejo de vingança, o que acaba desencadeando uma catástrofe. Após trespassar o primeiro filho, diz as seguintes palavras ao marido traidor:

Prepara, ó Jasão, esta fúnebre fogueira para teus filhos e levanta para eles o sepulcro. Tua esposa e teu sogro já receberam as exéquias devidas aos mortos: e fui eu a dar-lhes a sepultura. O primeiro filho já teve a sua morte; quanto ao outro, é sob os teus olhos que terá o mesmo destino (SÊNeca, 1985, p. 247).

Mesmo Jasão pedindo clemência para com o segundo filho, Medéia mata o menino e atira as crianças mortas aos braços do pai.

¹ Em *Medéia*, Sêneca nos apresenta o mito da princesa-feiticeira que, ao ser repudiada pelo marido, vinga-se dele assassinando a futura esposa e sogro e os próprios filhos.

Em *Medéia*, conforme acima exposto – assim como em outras peças suas como, por exemplo, *Fedra*² e *Tiestes*³ – o mito em questão possibilita ao teatrólogo mostrar que a pessoa, quando submissa aos vícios e paixões, torna-se enferma.

Dessa forma, torna-se possível a identificação das reflexões de Sêneca contidas em suas tragédias e, por conseguinte, o desvendamento de suas concepções e práticas, que ele apresentou como uma pedagogia que prepara a formação do homem ideal, o sábio, aquele que seria capaz de controlar as paixões e praticar a virtude, cumprindo assim o seu papel na sociedade.

Na sua obra intitulada *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*, Cardoso (2005a, p. 144), conclui o seguinte:

Sêneca se vale das tragédias [...] para ilustrar princípios da doutrina estoíca. E elas assumem, assim, uma função moralista e didática. Só a razão bem conduzida confere ao homem a *apátheia* de que ele necessita [...]. As paixões, a exacerbação dos sentimentos, a liberação dos instintos, o amor sem legitimidade são os elementos desencadeadores das catástrofes: provocam a desordem, o desequilíbrio, as desgraças e o caos.

Vê-se assim que as figuras de suas peças são marcadas pela luta que se trava em seu íntimo.

As personagens de Sêneca têm como característica um conflito interno (subjetivo) marcado pela luta constante entre a razão e as paixões. Ainda que não sejam completamente donas de seu destino, elas são dotadas de livre-arbítrio e conscientes de que, se o quiserem, são capazes de fazer o bem e repelir o mal. Assim, a tragédia ocorrida “não está no jogo dos acidentes alheios à vontade em que o homem se pode ver enredado sem qualquer culpa, mas na incapacidade ou na vontade de subordinar todas as suas ações aos ditames da razão” (SEGURADO E CAMPOS, 1996, p. 41). Destarte, o fato trágico é abordado de maneira diferente de como o era na tragédia grega, ou seja, nas peças de Sêneca é o homem o responsável pelos seus atos.

Nessa investigação de como Sêneca concebe o homem como um ser doente e monstruoso quando este deixa sua razão ser dominada

² Na peça *Fedra* é narrado o mito da rainha cretense que, violentamente apaixonada por seu enteado, acaba caindo em desgraça e morte.

³ Já em *Tiestes* é-nos apresentada a lenda brutal de Atreu, que, para castigar e vingar-se do irmão, mata-lhe os filhos e depois serve, num banquete macabro, a carne das crianças.

pelas paixões, fica evidenciado que o ódio de Atreu por seu irmão Tiestes o impulsiona a praticar uma nefanda vingança.

Vai-te, piedade, se é que alguma vez habitaste o nosso paço! Venha a cruel horda das Fúrias, venha a Erínis da discórdia, venha Megera agitandoum par de archotes: não é bastante o furor que me inflama o peito, importa enchê-lo de maior monstruosidade! [...]

O meu espírito congemina algo de enorme, de insuperável, ultrapassa os limites dos costumes humanos...

[...]

...Que Tiestes, esfomeado, dilacereos filhos com prazer, coma a carne da sua carne. Está bem assim, está ótimo! Este o limite que me apraz pôr à sua tortura. (SÊNeca, 1996, p. 68-70).

Além disso, nos cantos corais de suas tragédias Sêneca aborda outros assuntos, inclusive de caráter filosófico e formativo, o que confere às suas peças um caráter didático (CARDOSO, 2005a).

No seu estudo intitulado *Os cantos corais de Sêneca e a Educação*, Cardoso (2006), demonstra como os coros das tragédias de Sêneca desempenham diversas funções nas peças, podendo-se destacar entre elas a apresentação de comentários sobre diversos assuntos, como, por exemplo, exposições de conteúdo filosófico-educativo.

Destacam-se entres esses comentários filosóficos e formativos as considerações acerca do poder real, o discurso sobre a Fortuna e considerações sobre a natureza, ponderações sobre a instabilidade da sorte, reflexões sobre a morte e a infelicidade, referências à vida simples, questionamentos sobre a existência, entre outros. Isso mostra o caráter educativo dos cantos corais de Sêneca. Em suas peças o dramaturgo romano apresenta sua mensagem estoica ao ensinar que “a felicidade consiste na virtude, no triunfo da razão sobre as paixões, na impassibilidade diante dos problemas” (CARDOSO, 2006, p. 11). Sêneca não apenas se preocupou com a linguagem empregada e com os procedimentos poéticos nessas composições, mas também teve cuidado ao expor os conteúdos, os procedimentos retóricos e o aspecto filosófico-educativo dos coros inseridos nas peças.

Para Pereira Melo (2005b), isso demonstra que o pensador estoico não se limitou ao pensamento filosófico para transmitir as suas preocupações

pedagógicas, mas também utilizou o teatro, especialmente a poesia trágica, como instrumento exemplar para a formação humana.

Para não ser dominado pelas paixões, cabe ao homem ideal, o sábio, refletir sobre os seus modos de ação, buscando sempre os valores realmente fundamentais para o ser humano.

Vós que cobiçais os palácios, ignorais
em que lugar está o poder.
Não são as riquezas que fazem os reis,
ou as vestes cor de púrpura,
ou os diademas de uma fronte régia,
ou os tectos luzentes de ouro;
rei é aquele que depôs o medo
e as falhas de um mau caráter;
[...]
O espírito virtuoso possui um reino!
[...]
Rei é aquele que não sente medo,
rei é aquele que não tem desejos!
Um reino assim qualquer homem pode ter!
(SÊNECA, 1996, p. 73-75)

Ao investigar em suas tragédias os aspectos que lhes conferem uma função didática, pode-se identificar nas peças as argumentações utilizadas por Sêneca para infundir no público as suas idéias e, assim, numa evidente intenção pedagógica, persuadir seus ouvintes à prática da virtude, conforme fica explícito no seguinte excerto:

Esposa de Teseu, gloriosa descendente de Júpiter,expulsa para sempre essa infâmia do casto peito,extingue as chamas da paixão e não encorajeses esperanças assustadoras. Quem começa por resistir ao amor e rechaçá-lo mantém-se indemne e consegue vencê-lo (SÊNECA, 2003, p. 33)

Dessa forma, Sêneca atingia uma parte privilegiada da sociedade romana, que era acostumada a lazeres intelectuais e, assim, mais receptiva aos eventos artísticos.

Sêneca escolhe para isso a poesia dramática, pois através desse gênero é possível expressar de forma mais clara que a enfermidade e as calamidades

são não se distanciou de sua tarefa pedagógica em sua produção literária, “expondo, às claras, as enfermidades e a escravidão a que se submete o homem orientado pelas paixões” (PEREIRA MELO, 2005a, p. 83), ao ensinar aos seus interlocutores a prática da virtude e o domínio das paixões. Assim sendo, “na arte, tal como na filosofia, Sêneca parece ter se dedicado à formação [...] daquele que, respondendo os apelos da razão, poderia chegar à condição de homem ideal, o sábio” (PEREIRA MELO, 2005a, p. 85). Desse modo, apesar das finalidades específicas que teve ao construir as suas peças, nelas o teatrólogo não se desviou de suas intenções pedagógicas.

Justifica-se, assim, este estudo sobre Sêneca pelo interesse histórico e pedagógico que têm despertado as suas reflexões sobre a formação do homem que ele entendia como ideal, o sábio, agente social capaz de romper com as fragilidades da condição humana e responder às necessidades do seu momento histórico (PEREIRA MELO, 2003).

O estudo de Sêneca também se justifica pela perenidade do seu pensamento. Sua importância é inegável não apenas pela contribuição que ofereceu à consolidação do pensamento filosófico em Roma, mas também pela influência que exerceu sobre a literatura na posteridade (CARDOSO, 2003). É ponto assente que a produção trágica de Sêneca foi influente e objeto de apreciações.

O fenómeno da máxima fortuna de Sêneca, um dos fenómenos mais clamorosos na história da cultura, sucedeu no Renascimento tardio, quando o teatro trágico moderno se desenvolveu, modelando-se precisamente sobre as tragédias de Sêneca, herdando delas as cores tenebrosas, as aparições pressagiadoras e infaustas de fantasmas, a mania dos delitos atrozes. [...] mas o fenómeno assumiu proporções ainda mais imponentes na Inglaterra, onde todo o grande teatro isabelino fez o seu noviciado com os horrores das tragédias de Sêneca, [...] as bruxas e a sombra de Banco, no *Macbeth* shakespeariano, e a sombra do pai de Hamlet no drama do mesmo poeta inspiraram-se também na aparição da sombra de Tântalo, acompanhado pela Fúria, no *Thyestes* [...]. Através do teatro isabelino, as tragédias de Sêneca influíram também no teatro pré-romântico e romântico alemão. Nem o teatro dos países latinos escapou ao influxo senecano (PARATORE, 1987, p. 611).

Suas peças continuam marcando presença na atualidade, sendo “levadas à cena em muitas oportunidades. [...] Em nossos dias, em vários locais do mundo, têm sido realizadas experiências de representações dessas obras” (CARDOSO, 2005a, p. 65). Ademais, a poesia trágica de Sêneca foi fonte de inspiração também em outros meios, pois “também o cinema deu atenção à história de Fedra, colocando Antony Perkins como Hipólito e Melina Mercouri como sua madrasta em *Phaedra* de Jules Dassin (1962)” (SOUZA, 2003, p. 21).

Dessa forma, fica claro que a obra de Sêneca não ficou limitada ao seu tempo, mas invadiu outros momentos históricos, o que evidencia a importância de suas reflexões e a validade do seu modelo pedagógico em outras sociedades. O estudo das tragédias de Sêneca adquire relevância também pelas contribuições que deram para o tempo presente. O seu objetivo de orientar – numa clara intenção pedagógica – os indivíduos à prática da virtude como um caminho seguro para se ter uma vida feliz pode contribuir para a formação moral dos homens de hoje, pois as preocupações existenciais, apesar de apresentarem diferentes faces conforme as especificidades de sua época, demonstram ter características comuns em todos os tempos (PEREIRA MELO, 2003).

Para Sêneca, os vícios e, principalmente, as paixões são os principais fatores de desequilíbrio da ordem, impedindo o homem de viver em conformidade com a natureza, o que acaba provocando desastrosas conseqüências. Assim, para se ter uma vida feliz é preciso o exercício da virtude e especialmente o domínio dos sentimentos, bem como enfrentar as vicissitudes com tranquilidade e impassibilidade. Vê-se, desse modo, que a doutrina estoíca apresentada em seus tratados morais também percorre as suas tragédias. Nessas peças, que tiveram como inspiração as tragédias gregas do século V a.C. e em outras fontes, Sêneca reelabora os temas com originalidade, apresentando de maneira velada ou explícita suas idéias e conceitos. Pode-se dizer que suas peças são metáforas que ajudam a refletir sobre as atitudes das personagens, a respeito de seus modos de ação e das calamidades que ocorrem quando as paixões triunfam sobre a razão.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Zelia de Almeida. Os cantos corais de Sêneca e a educação. ***Paideuma, Grupo de Estudos Clássicos e Medievais da Faculdade***

de Educação da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.paideuma.net/textozelia2.rtf>>. Acesso em: 24 abr. 2006.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **Estudo sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda, 2005a.

CARDOSO, Zelia de Almeida. A função didática das tragédias de Sêneca. **Paideuma**, *Grupo de Estudos Clássicos e Medievais da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, 2005b. Disponível em: <<http://www.paideuma.net/zelia4.doc>>. Acesso em: 07 set. 2005.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARDOSO, Zelia de Almeida. Introdução. In: SÊNECA. **As troianas**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 9-27.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la filosofia**: Grecia y Roma. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965.

LEONI, G. D. Estudo introdutivo. In: SÊNECA. **Obras**. São Paulo: Atenas, 1957. p. 9-40.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Sêneca e a formação pela arte. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS: transformação social e educação, 4, 2005, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005a. p. 80-86.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Sêneca e a formação pela arte. In: IV JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS: transformação social e educação, 4, 2005, Maringá. **Caderno de resumos...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005b. p. 16-17.

PEREIRA MELO, José Joaquim. **Sêneca e o projeto de formação do sábio**. Maringá: [S.n.], 2003.

SEGURADO E CAMPOS, José António. Introdução. In: SÉNECA. **Tiestes**. Lisboa: Verbo, 1996. p. 9-54.

SÉNECA. **Fedra**. Lisboa: Edições 70, 2003.

SÉNECA. **Medéia**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).

SÉNECA. **Tiestes**. Lisboa: Verbo, 1996.

SOARES, Nair de Nazaré Castro. O drama dos Atridas: a tragédia Thyestes de Séneca. **Ágora**: Estudos Clássicos em Debate, n. 6, p. 51-98, 2004.

SOUZA, Ana Alexandra Alves de. Introdução. In: SÉNECA. **Fedra**. Lisboa: Edições 70, 2003. p. 9-21.

VEYNE, Paul. **Séneca y el estoicismo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.